



Vá de bike

Roteiro das pedaladas

Tours por Paris, Berlin, Amsterdã, Barcelona e Nova York. Basta escolher a cidade

▶ PÁGS. 8 A 12

DUAS RODAS

Um dia perfeito em Paris, entre museus, parques, crepes e... bikes

Capital francesa e seu bem-sucedido sistema público de bicicletas bem que tentam assumir o cobiçado posto de 'a melhor cidade' para pedaladas, mas a disputa vai ser decidida nos detalhes. Berlim aposta num roteiro com muita história e Barcelona tem a seu favor o azul do Mediterrâneo. Amsterdã parece ter sido feita para percorrer em duas rodas e Nova York está no páreo. Leia mais nesta e nas próximas páginas. E faça sua escolha

Carla Miranda
PARIS

Comer um sanduíche na baguete e caprichar no biquinho não serão suficientes para você se sentir um pouco mais parisiense neste verão - e muito provavelmente nos próximos. Bem, a não ser que tenha equilíbrio circense para fazer tudo isso sobre duas rodas, em movimento. Se a temporada passada marcou a estréia do sistema público de bicicletas na capital francesa, o Vélib, este ano pode ser considerado sua consagração.

Quem tem idade para pedalar incluiu de alguma forma as bikes em sua vida e cruza Paris por seus incríveis 370 quilômetros de ciclovias. Uma idéia tão perfeita que causa espanto o fato de não ter surgido antes numa cidade tão plana e obviamente bela, capaz de transformar em heresia o ato de usar os trilhos subterrâneos do metrô.

Os moradores foram os primeiros a adotar as bicicletas no estilo Caloi Ceci moderna, só que na cor cinza, com cestinhos na frente (para as baguetes, talvez). Os visitantes seguiram nas pedaladas, como fazem na moda, na gastronomia e em outras coisas. Não sem alguma dificuldade nas primeiras vezes, é preciso dizer.

Sistema começou a ser usado no ano passado, mas agora virou moda

Os totens eletrônicos das estações Vélib - quase 1.500, que surgem onde você menos espera e mais precisa - foram projetados para ser turistas friendly (algo sensato numa capital que recebe 28 milhões de visitantes por ano), com informações em oito línguas, incluindo inglês e espanhol. Mas nada é tão perfeito ou muito simples.

Antes de ter vontade de chutar a máquina no primeiro erro e nos vários subsequentes (*leia mais ao lado*), lembre-se que está de férias - e em Paris. Todos os percalços serão esquecidos com as pedaladas iniciais às margens do Rio Sena. Sem falar que vão entrar para o grande anedotário acumulado durante uma viagem que se preze.

Primeiro, saque da carteira o cartão de crédito com senha, necessário para "comprar" a assinatura do Vélib. Está na dúvida se vai gostar? Faça o cadastro para um dia, por € 1 (R\$ 2,54). Tem certeza que será excelente? Invista no passe de uma semana, por € 5 (R\$ 12,69). Essa assinatura dará direito a usar as bikes quantas vezes quiser sem pagar mais nada, desde que os trajetos nunca ultrapassem 30 minutos. Tempo suficiente para pedalar da Torre Eiffel ao Museu D'Orsay sem riscos de ter uma arritmia.

Depois disso, o taxímetro virtual da bicicleta acelera. A primeira meia hora adicional sai



PARADINHA - Pausa, depois de rodar por diversos cenários, para admirar a pirâmide de vidro do Louvre



PLANEJAMENTO - Há uma estação de Vélib a cada 300 metros

FOTOS CARLA MIRANDA/AE

MODO DE USAR

● **Para entender o sistema:** os primeiros 30 minutos estão incluídos no valor da assinatura, € 1 (R\$ 2,54). A partir daí, começa a cobrança. A primeira meia hora adicional custa € 1; a segunda meia hora custa mais € 2 (R\$ 5,08). Exemplo: se você andar 25 minutos, não paga nada. Em 50 minutos, terá de desembolsar € 1 (R\$ 2,54), valor que sobe para € 3 (R\$ 7,62), se quiser ficar 1h15

● **Cartão de crédito:** você precisa saber a senha do seu cartão e aceitar uma pré-autorização de € 150 (R\$ 380). O valor só será cobrado se o visitante sumir com a bike

● **Totens:** as informações estão disponíveis em oito idiomas. Antes de se dirigir a um deles, veja o número da bike que quer usar

● **Papel e caneta:** a manutenção dos totens é rigorosa, mas problemas existem. Um deles é a falta de papel, o que torna impossível imprimir seu número de assinante e, sem ele, você não poderá pegar uma bike. Na dúvida, anote assim que ele aparecer na tela. Você também terá de criar uma senha pessoal de assinante. Aproveite para anotá-la também

● **As magrelas:** são três as marchas, que suprem bem as necessidades do ciclista em uma cidade plana como Paris

● **Tudo certo?:** verifique itens como freios, pneus e corrente antes de sair da estação. É raro, mas não impossível, achar uma bicicleta com defeito

● **As cobijaçadas:** tenha em mente que as estações perto dos principais monumentos são as mais concorridas. Nesses locais, tornam-se comuns dois fenômenos: bases sem bicicletas (todos passaram ali antes de você) ou lotadas (será impossível devolver a bike que está usando). Sem grilo. Basta procurar outra estação, a 300 metros dali, em média

● **Horário de funcionamento:** 24 horas, todos os dias

● **Horário de pico:** sim, ele existe. E vai das 18 às 20 horas

por € 1 (R\$ 2,54) e a segunda custa mais € 2 (R\$ 5,08). A partir da terceira meia hora, prejuízo na certa, a € 4 (R\$ 10,16) por fração, debitado no cartão de crédito que você usou para fazer a assinatura.

A idéia da prefeitura é evitar que alguém fique uma eternidade com a bike que deveria servir de sistema de transporte, não como item de lazer. Detalhe: quando você faz a assinatura, precisa concordar com uma pré-autorização no cartão de € 150 (R\$ 380), necessária para cobrir eventuais danos.

UM DIA

Se eu fosse você, aproveitava o dia mais bonito de sua estada com um passeio longo, mas repleto de paradas. Bom seria começar na Torre Eiffel e margear o Sena sem pressa até a Ponte Alexandre III, com todos os seus dourados. A bike pode ser devolvida numa estação perto do Hôtel des Invalides, onde descansa Napoleão, ou nas cercanias do Grand Palais, gigante metálico construído para a Exposição Universal de 1900. Tanto faz. Afinal, há uma estação de Vélib a cada 300 metros.

Na seqüência das visitas e novamente com uma bike, deixe a brisa levar você até o Museu D'Orsay. Saque € 8 (R\$ 20,31) para o ingresso e veja Lautrecs, Monets e Van Goghs até saciar sua curiosidade estética. Próxima parada: o Jardim das Tulherias, do outro lado do Sena.

Entrar no vizinho Louvre exigiria muito tempo, mas vale rodar de bike pela região, passando bem na frente da impressionante pirâmide de vidro. Se você aceitar mais uma sugestão, siga até a Île de la Cité (sim, é possível chegar lá pedalando). Mais precisamente, até a Notre-Dame. Após enfrentar a fila para subir na torre do corcunda Quasímodo e vencer seus 387 degraus góticos, ganhe uma bela panorâmica da cidade.

Deça e faça um favor a si mesmo: compre um crepe de Nutela por cerca de € 3 (R\$ 7,62) numa das banquinhas nos arredores da igreja. Gulodice justificada pelas calorias gastas até agora. Para não comer em movimento, fique na praça atrás da Notre-Dame. Se você tiver um celular poderoso, pode até checar os e-mails usando o Wi-Fi gratuito, garantido pela prefeitura - mesmo de férias, não dá para resistir.

Eu subiria na bike outra vez e gastaria minhas últimas forças para chegar ao Jardim de Luxemburgo, palco de muitas apresentações ao ar livre nesta época do ano. Um dia e tanto pagando apenas € 1 (R\$ 2,54) pelos deslocamentos. Isso se você não se esquecer de entregar a bicicleta a cada 30 minutos. ●

● **Vélib:** www.velib.paris.fr
Hôtel des Invalides: entrada a € 8 (R\$ 20,31); www.invalides.org
Museu D'Orsay: por € 8 (R\$ 20,31); www.musee-orsay.fr
Notre-Dame: € 7,50 (R\$ 19); www.cathedraledeparis.com



MUSEU D'ORSAY - Um dos (muitos) pit stops possíveis pelo caminho

DUAS RODAS

Pedaladas pela história recente em Berlim

O Tour do Muro leva a pontos turísticos e a trechos do paredão

Mônica Nóbrega
BERLIM

Martin Wolleberg, alemão de 30 e poucos anos, é mais um morador de Berlim que cresceu acostumado a pedir licença a sujeitos fardados para circular em sua cidade. Quando criança, gostava de pedalar – principalmente junto ao paredão que nem ele, nem quase ninguém que ele conhecia, tinha permissão para transpor.

Morador do lado ocidental, Wollo – Martin prefere ser chamado assim – cresceu e compreendeu o absurdo daquela barreira. Há cinco anos, uniu o gosto por bicicletas ao fascínio que o Muro de Berlim continua a exercer sobre os turistas e criou o agradável e intenso Tour do Muro. O passeio leva à maioria dos highlights da cidade e a lugares que fizeram a história do século 20. Tudo isso sobre duas rodas.

Se você não ficar sem fôlego diante da imensidão de informações passadas durante o tour, pode descansar: não serão as pedaladas que acabarão com a sua energia. Berlim é tão plana que o esforço exigido para movimentar a bike é mínimo.

Passeio sai de Prenzlauer Berg, dura 4 horas e custa € 17

Por outro lado, passar por tantos lugares onde pessoas perderam tudo, inclusive família, amigos e a vida, pode fazer os mais sensíveis (meu caso) sentirem um certo peso no corpo. Sabiamente, o roteiro intercala os locais históricos com belas avenidas e parques. Porque, apesar da história triste, a metrópole é, sim, muito bonita.

CICLOVIAS

Não faltam ciclovias em Berlim. Nas calçadas, ciclistas têm até mais espaço que pedestres... A bike parece uma extensão do corpo dos berlinenses, tão presente na vida deles quanto o próprio Muro.

O passeio de quatro horas começa na Kulturbrauerei, uma antiga fábrica de cerveja transformada em centro cultural, localizada em Prenzlauer Berg, no antigo lado oriental. A bicicleta pode ser alugada ali mesmo (Berlim não tem serviço público de aluguel de bikes). O turista escolhe o idioma falado durante o circuito – inglês, espanhol, holandês, sueco, francês e até português – e se junta a, no máximo, 15 pessoas. Algumas brincadeiras e meia dúzia de instruções simples depois, estão todos na ciclovia da Bernauer Strasse.

O grupo não demora a chegar a restos de edifícios, prédios que foram demolidos para evitar que moradores da porção oriental usassem as janelas para saltar para o lado ocidental. Por ali há um pedaço reconstruído do paredão, que tinha até quatro metros de altura.

Um pedaço original do Muro aguarda os visitantes em outra parada. A East Side Gallery é um trecho preservado de cerca de dois quilômetros, à margem do Rio Spree, onde artistas satirizaram o totalitarismo em pinturas e grafites. O local, porém, não é tão bem conservado. Há pichações e rabiscos feitos com o propósito de depredar – mas são engraçados.

Com sorte, o turista pode entrar em uma das torres de vigilância (sobraram três), nem sempre abertas ao público. Outro destaque é a passagem Bornholmer Strasse, a primeira liberada em 9 de novembro de 1989, data oficial do fim do Muro. “É um lugar que me emociona”, diz Wollo.

TODO MUNDO PRECISA VER

Empolgados a ponto de se sentir atletas, os turistas passam por aqueles pontos que todo mundo que vai lá precisa ver: Bundestag, Portão de Brandemburgo, Memorial do Holocausto, Potsdamer Platz (reformada e moderna) e Alexanderplatz, a praça da Torre da TV.

A última parada é um símbolo do período que envergonha os berlinenses. O Checkpoint Charlie era uma das guaritas onde policiais conferiam os documentos de quem transitava entre os lados da cidade. Fica na Friedrichstrasse, a atual rua do comércio chique. Ali foi mantido o aviso para quem saía do cercado ocidental: “Você está deixando o setor americano”. ●

➔ **Berlin on Bike:** Kulturbrauerei, na Knaackstrasse, 97; tel.: (00--49-30) 4373-9999; www.berlinonbike.de. Tour do Muro: terças, quintas e sábados, às 11 horas, por € 17 (R\$ 43,18), com aluguel da bicicleta

Bundestag: diariamente, das 8 às 22 horas. Grátis. Site: www.bundestag.de

Torre da TV: diariamente, das 9 às 24 horas. Custa € 9,50 (R\$ 24,13). Site: www.berlinerfernsehturm.de



MUDANÇAS – O concreto que envergonha o mundo serve de rota para os ciclistas



BUNDESTAG – Circuito inclui o Parlamento alemão

FOTOS ARND WIEGMANN/REUTERS – 12/8/2007

DUAS RODAS

Aprenda a dar seta com os holandeses

Até os 'barbeiros' são tolerados por lá, graças à habilidade dos locais

Livia Deodato AMSTERDÃ

Ir para Amsterdã e não andar pelo menos um dia de bicicleta é algo tão inimaginável quanto passar pelo Rio Sena e não avistar a Torre Eiffel. Só de ver aquelas pessoas sobre duas rodas, andando de forma bem organizada pelas estreitas ruas da capital holandesa, já dá vontade de pegar uma carona, nem que seja na garupa.

Não se preocupe se você, há alguns bons anos, não põe o pé num pedal. Os moradores estão acostumados com a constante presença de turistas afoitos por sentir a brisa dos moinhos de vento da zona rural – e muito bem preparados para evitar qualquer "barbearagem" que você possa vir a cometer. Note um bom exemplo disso: antes de dobrar qualquer esquina, os holandeses apontam com um dos braços a direção que pretendem tomar. Não é uma maravilha?

É a exibição de suas excepcionais performances sobre duas rodas não pára por aí: eles são capazes de segurar o celular com uma mão, carregar uma sacola na outra e pedalar. Tudo ao mesmo tempo! Depois de uns

dois dias por lá, você pode sentir capaz de fazer o mesmo, mas a prudência manda tomar cuidado. Um desequilíbrio poderá acarretar um grave estrago.

E esse é o primeiro ponto que as locadoras sublinham quando você decide alugar uma bicicleta. Se eles verificarem qualquer peça arranhada, amassada ou quebrada no ato da devolução, o turista tem de arcar com os custos previamente orçados.

Se for roubado, a situação só não piora tanto por causa do aconselhado seguro (que varia, em média, de € 2 a € 6 ou R\$ 5,08 a R\$ 15,24, dependendo da quantidade de dias do aluguel). De fato, é preferível sempre pagar um pouco a mais para ficar tranquilo, ainda que você hesite ao checar a quantidade de travas de segurança apresentadas num rápido treinamento, momentos antes de sair pedalandando pela charmosa Amsterdã.

PREÇOS

Antes de qualquer coisa, escolha muito bem a locadora, pois os valores dos alugueis variam, e muito. A princípio, você pode achar que essa não será uma tarefa fácil. E não é muito mesmo.

LIVIA DEODATO/AE



TRANQUILIDADE - É aconselhável pagar pelo seguro (que varia de € 2 a € 6) e nunca deixar de travar a bike

Os galpões das locadoras não ficam nas ruas mais movimentadas e os guias gratuitos distribuídos pela cidade não oferecem a melhor oferta.

A dica é perguntar no hotel ou no albergue em que você está hospedado se há convênio com alguma locadora, o que reduzirá radicalmente o custo.

Na Damstraat Rent a Bike, localizada em uma ruazinha bem perto da Dam Square e do popular museu Madame Tussauds, no centro, o aluguel custa cerca de € 20 (R\$ 50,80), com seguro, por dia. Enquanto as diárias das bicicletas vermelhas da MacBike, conveniada do Hosting International, custam € 12 (R\$ 30,48).

A opção por freios nos pedais ou nas mãos também influencia no preço: são cobrados, no mínimo, € 5 (R\$ 12,69) a mais para os freios acoplados ao guidom. Se a sua habilidade para frear com pedais for a mesma que a de dar seta com as mãos, vá em frente e economize.

Eles pedalam, falam ao celular e seguram sacolas. Ao mesmo tempo

SEM MAPA

Depois de aprender a nunca abandonar a bicicleta sem travas (parte do treinamento nada complexo), faça questão de se perder pelas ruas de Amsterdã até conseguir sair do circuito turístico – o que não vai demorar nem 20 minutos.

Oriente-se pelos canais e recorra ao mapa somente na hora de devolver a bike. Estacione na porta da casa onde Anne Frank se refugiou, amarre a sua bicicleta numa árvore do Vondelpark para um piquenique ao entardecer ou apenas deixe-se surpreender pelo caminho. Motivos não vão faltar. ●

♦ **Damstraat Rent a Bike:** www.bikes.nl

MacBike: www.macbike.nl

Anne Frank: www.annefrank.org; entradas a € 7,50 (R\$ 19)

DUAS RODAS

Siga J.J. pelas ruas de Barcelona

O barbudo guia torna-se mais uma atração no roteiro sem ciclovias e espremido entre carros da capital catalã



DESCANSO NO PORTO - Hora de tomar fôlego para o 'sprint' final



ROBUSTAS - Bicicletas têm pneus largos e bancos confortáveis



NA PRAIA - Um tempinho para relaxar e até pedir uma taça de sangria



BAIRRO GÓTICO - Aventura começa e termina nessas agradáveis vielas

BARCELONA

O barbudo estaciona a bike como se fosse o manda-chuva da Praça Jaume I. E em 15 minutos reúne 20 pessoas que até então andavam sem direção pelas ruínas do Bairro Gótico. Outros guias estão ali, só que numa solidão vexatória, daquelas que quase fazem você trocar de lado. Quase. O barbudo é o tal e fica com absolutamente todos os turistas que chegam à praça, por volta das 11 horas, para um tour de bicicleta por Barcelona.

Antes de seguirem até a loja para pegar as bikes, J.J., como gosta de ser chamado, dá as primeiras orientações. É preciso apertar os freios dos dois lados, se quiserem evitar o capotamento. Usem a buzina quando julgarem necessário (com o grande fluxo de visitantes por ali, isso significa quase sempre). E andem juntos, como se fossem um ônibus, nos trechos onde não houver ciclovias - são vários, você vai ver.

Ainda há tempo para algumas piadas e para tirar onda com os guardas-civis que estão por ali, olhando o grupo com excesso de zelo. "Cuidado com esses *bad guys* aí", diz o guia, sem se preocupar em reduzir o tom da voz. Vendo o constrangimento dos turistas, emenda: "Eles mal falam o catalão e pouco sabem de castelhano. Inglês, nem pensar." Os policiais nem se mexem. Tese comprovada.

Chegando à loja, você logo entende o porquê do nome Fat Tire Bike Tours. As bicicletas são bem robustas, com pneus largos e bancos confortáveis. Todos partem, numa seqüência de quase quedas e acidentes pelas ruas apinhadas de gente.

MONUMENTOS

Tanto pelo interesse histórico quanto pela necessidade de os turistas se acostumarem com as bikes, a primeira parada é logo ali, na Plaza del Rey, o trecho mais nobre da Barcelona antiga. Os edifícios do entorno es-

condem no subsolo ruínas deixadas pelos romanos, a partir do fim do século 1º a.C.

Na seqüência, instantes na frente da Catedral de Barcelona, de 1298, com suas torres góticas (quando não estiver sobre rodas, vale subir até o terraço, de elevador, para conferir a vista). Como os tapumes da obra iniciada em 2003 não deixam ver muito, o pit stop é bem breve. O grupo segue até o Palácio da Música Catalã, declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco, colorida mescla de arquitetura espanhola e árabe.

Você já vai estar se achando no domínio da bicicleta e pronto para reivindicar uma faixa da rua, no meio dos carros. Mas não dá para falar que sem estresse. Mesmo aglomerados em nossa formação de ônibus, os motoristas olham feio.

Nem ligue. Basta que você chegue inteiro até o Arco do Triunfo. Bem menos famoso que seu equivalente parisiense, o monumento avermelhado foi

erguido no século 19, no fim de um largo bulevar. Dependendo do calor, a vontade será interromper o passeio, arrumar um sorvete, alguma sombra e se dedicar seriamente a acompanhar o vaivém das pessoas na calçada. Nada mais.

Como essa não é uma opção válida, tome pedal até o Parque da Cidadela. Desta vez, o barbudo J.J. permite uma parada

Grupo tem apenas 15 minutos na Sagrada Família; volte depois

mais longa e pede que todos deixem as bicicletas num canto. Alguém vai esquecer da vida olhando as canoas no lago e outros se assustará com a gigantesca escultura de mamute, feita de pedra.

A Sagrada Família, do catalão Antoni Gaudí (1852-1926),

merece bem mais do que os 15 minutos dados pelo guia, insuficientes até para olhar como se deve a face leste, que retrata o nascimento de Cristo. Eternamente inacabada, a obra tem outras duas fachadas, mostrando a Paixão e a Glorificação.

Entrar, então, nem pensar. Você não vai passar da fila do ingresso. Volte depois, sem a pressão do relógio, para apreciar as 12 torres, que simbolizam os apóstolos, os vitrais e as esculturas em forma de frutas criadas pelo delírio de Gaudí.

Se você seguiu o conselho da agência e está com roupa de banho, hora de mandar o calor embora com um bom mergulho na Praia da Barceloneta. O grupo vai parar naquelas áreas mediterrâneas, logo após passar pela vila construída para receber os atletas nos Jogos Olímpicos de 1992.

Depois, espreguicadeira e estalar os dedos para que o garçom leve até você uma cervejinha ou uma taça de sangria.

EM CASH

Quase uma hora se passa até que todos estejam nas bicicletas para um trajeto já quase sem paradas e com gosto de que foi pouco. O barbudo ainda vai levar o grupo até o Porto Velho e indicará a Basílica de Santa Maria del Mar, que entrou para o roteiro turístico como o best-seller *A Catedral do Mar*, de Ildefonso Falcones (2006). As ruas do Bairro Gótico já se farão presentes. E, com elas, a única parte não tão agradável. Desembolsar € 22 (R\$ 55,85), em cash, porque a empresa não aceita cartões de crédito. • CARLA MIRANDA

• **Fat Tire Bike Tours:** passeio guiado a € 22 (R\$ 55,85) e aluguel de bikes a partir de € 7 (R\$ 17,80; três horas); www.fattirebiketoursbarcelona.com

• **Catedral de Barcelona:** elevador até o terraço por € 2,20 (R\$ 5,58); www.catedralbcn.org
• **Sagrada Família:** € 10 (R\$ 25,39); elevador a € 2,50 (R\$ 6,35); www.sagradafamilia.cat

Aluguel baratinho? Só para moradores

Sistema de estações, semelhante ao de Paris, exclui os turistas

BARCELONA

A mensagem da prefeitura de Barcelona não deixa margem para dúvidas e você nem precisa chegar lá para saber, pois está tudo no site oficial. Ao contrário do sistema parisiense, o Bicing é destinado apenas aos moradores. Ou seja, as mais de 370 estações com bikes bonitinhas existem para deixar os turistas com água na boca, prontos para alugar uma magrela numa agência (a própria página indica várias delas).

- Sem poder usufruir do sistema público, no qual meia hora custa módicos € 0,30 (R\$ 0,76), os visitantes pagam a partir de € 4,50 (R\$ 11,42) por uma hora de pedaladas em empresas privadas. Barcelona tem 150 quilômetros de ciclovias e isso é muito. Só que o traçado está mais para um pontilhado do que para uma linha contínua, defeito que as autoridades tentam corrigir com alguma rapidez.
- Trocando em miúdos, andar de bicicleta sozinho na cidade inclui alguma dose de aventura. Ainda mais se a sua intenção for

passar por alguns dos pontos principais da capital catalã, como a Sagrada Família, nem sempre cobertos pela rede de ciclovias. Apesar de esse tour não ser nada impossível, não é muito aconselhável para os inexperientes.

Se você já passou do bê-á-bá ciclistico, no entanto, pode ir até a loja da Barcelona Bici (www.barcelonabici.com), que cobra os tais € 4,50 por hora ou € 11 (R\$ 27,92) por quatro horas. Fica nas Ramblas, na extremidade oposta da onipresente Plaza de Catalunya.

Outpagar € 5 (R\$ 12,69) para sair do Bairro Gótico mesmo, numa magrela de propriedade da Barcelona Biking (www.barcelonabiking.com), outra empresa que consta no site oficial do Bicing. Nesta, o passeio guiado fica um pouco mais em conta do que o oferecido pela Fat Tire Bike Tours. Sai por € 21 (R\$ 53,31) e dura cerca de três horas e meia. Só que o guia é um daqueles solitários da Praça Jaume I... • C.M.

DUAS RODAS

Mapas, capacete e algumas surpresas nova-iorquinas

Quer conhecer os recantos escondidos da metrópole? Veja nossas sugestões abaixo (e ainda fique em forma)

Adriana Moreira

Sim, Nova York pode ser congestionada e estressante. Mas quem escolhe conhecer a cidade de bicicleta pode ter uma outra impressão e aproveitar o que a metrópole tem de melhor – e de mais escondido. Há muitas opções de roteiros criados por empresas especializadas. E nem é preciso ser um superatleta para encarar a empreitada: são vários os níveis de dificuldade, para que o passeio seja realmente prazeroso – e não um teste de resistência.

A Bike The Big Apple foi criada em 2001 por Joel Seidenshtein, professor que, durante anos, adotou a magrela para ir ao trabalho. Nascido em Nova York e conhecedor da cidade como poucos, decidiu fundar a companhia depois de se aposentar. Atualmente, a Bike The Big Apple recebe até 500 turistas por mês, entre março e novembro. Cada passeio conta com dois guias, um abrindo e outro fechando o grupo, para garantir a segurança dos ciclistas.

Os tours são realizados de quinta-feira a domingo – a cada dia, há um roteiro diferente. Para ver os principais pontos turísticos de Nova York, a melhor op-

ção é o que sai do West Village e termina com a travessia da Ponte do Brooklyn durante o pôr-do-sol. No caminho, parada no Ground Zero, onde ficavam as Torres Gêmeas.

Há outras quatro sugestões de tours regulares. Aos sábados, por exemplo, cerveja e chocolate são as principais atrações do trajeto (além dos cenários, é claro). O grupo sai do Lower East Side, cruza a Ponte

Uma das opções passa pelo Ground Zero, onde ficavam as Torres Gêmeas

Williamsburg e chega à The Brooklyn Brewery, cervejaria instalada num prédio de 1860.

Depois de mais algumas pedaladas, lá se vão as calorias gastas novamente. Hora de parar na Jacques Torres Chocolate Shop antes de partir para o último trecho do percurso: atravessar a Ponte do Brooklyn.

Em qualquer um dos passeios prepare-se para pedalar o dia inteiro. Mas, como os próprios guias dizem, com diversas paradas para descanso, lan-

che e (muitas) fotos... Os circuitos custam entre US\$ 70 e US\$ 80 (R\$ 112 a R\$ 127) e incluem bicicleta e capacete.

Outra com serviço semelhante é a Bike and Roll, que oferece pacotes também em Chicago, São Francisco, Miami, St. Louis e Washington. Há opções de tours com ou sem guia. As pedaladas duram de duas a três horas e custam até US\$ 45 (R\$ 72). Se você não sabe se tem fôlego suficiente para um tour de dia inteiro, pode ser um belo teste.

POR CONTA PRÓPRIA

Se você é daqueles que prefere seguir seu próprio roteiro, o site www.nycbikemaps.com pode ser bastante útil. Há mapas, divididos por região, com as principais ciclovias e áreas especiais para ciclistas. A página conta também com notícias de interesse dos adeptos dos pedais. Uma verdadeira mão na roda – ou melhor, no guidom. ●

➔ **Bike The Big Apple:** www.bikethebignapple.com

Bike and Roll: www.bikeandroll.com

Brooklyn Brewery: www.brooklynbrewery.com

Jacques Torres Chocolates: www.mrchocolate.com

FOTOS DIVULGAÇÃO



SKYLINE – A Bike The Big Apple inclui em seus programas a travessia da Ponte do Brooklyn (ao fundo)



NINGUÉM É DE FERRO – No verão, aproveite para tomar um solzinho antes de seguir com a magrela

Modelo do Rio deve começar em 2009

Estão previstas 50 estações, espalhadas por 8 bairros, na primeira fase

O modelo parisiense de aluguel de bicicletas, o Vélib, inspirou o governo do Rio a adotar projetos semelhantes. Se tudo caminhar como o previsto, até o fim de 2009 a capital fluminense poderá ter seu próprio sistema.

A licitação já foi realizada. A empresa Serttel, do Recife, saiu vencedora e deve assinar o contrato com a administração municipal entre os dias 10 e 11. A partir de então, serão 30 dias para apresentar o primeiro pro-

tótipo – depois de aprovado, a previsão é que o modelo esteja funcionando em 15 meses. “Vai ser algo gradual, alguns bairros receberão as bicicletas antes desse prazo”, afirma Sérgio Bello, diretor de Projetos Especiais do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos.

Além do instituto, o projeto tem como parceiros as Secretarias Municipais da Fazenda e do Meio Ambiente. Na primeira fase, serão 50 estações, em oito

bairros: Copacabana, Ipanema, Leblon, Lagoa, Botafogo, Flamengo, Centro e Tijuca. Segundo Bello, a ideia é contemplar moradores e turistas.

Quando estiverem prontas, as estações terão entre dez e 20 bicicletas disponíveis para aluguel e funcionarão das 6 às 22 horas. A primeira meia hora de pedalada deverá ser gratuita – ainda não foi decidido o preço que será cobrado pelas horas adicionais.

SEGURANÇA

Bello admite que os furtos às bicicletas ocorrerão. “Mas acho que será como em outras cidades que têm sistema semelhante. Em um primeiro momento, há muitos roubos, mas, depois, eles cessam”, diz. Isso porque as bikes cariocas não serão como os modelos tradicionais: quadro, rodas e peças em geral serão diferentes das encontradas no mercado. “Sem ter onde comercializar o material, os la-

drões vão desistir.”

Quem quiser pedalar pelo Rio terá de se cadastrar, pela internet ou em postos espalhados pela capital. Haverá, ainda, um call center e mapas, em português, espanhol e inglês.

Segundo Bello, a cidade conta com 140 quilômetros de ciclovias e faixas compartilhadas (pintadas nas vias) e 300 mil pessoas por dia utilizam a bicicleta como meio de transporte. Com o projeto, novas ciclofaixas devem ser criadas e outras recuperadas com ajuda da iniciativa privada.

FORA DA CAPITAL

A iniciativa não se restringe à capital. O governo do Estado

lançou o projeto Rio-Estado da Bicicleta, com o objetivo de estimular o uso do equipamento e aumentar o número de ciclovias nos 92 municípios do Estado. Segundo o secretário de Transportes, Júlio Lopes, a ideia é utilizar as magrelas como meio alternativo para driblar o trânsito.

“A bicicleta não será mais individual, mas da cidade. É um bem público, como um banco de praça ou uma placa de trânsito”, afirma. Segundo Lopes, o governo do Estado dará assessoria a prefeituras que queiram desenvolver o projeto. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) disponibilizou US\$ 600 mil para a ação. ● **A.M.**